

Citibank converteu em capital de risco US\$ 80 milhões em 2 anos

por Ângela Bittencourt
de São Paulo

Nos últimos dois anos, o Citibank — maior banco credor privado do Brasil — investiu US\$ 85 milhões em empresas privadas nacionais. Desse total, US\$ 80 milhões referem-se a conversão de dívida a vencer. A conversão desse tipo de crédito é feita sem deságio, pelo valor de face, uma vez que não passa pelos leilões realizados em bolsa. Os US\$ 5 milhões restantes vieram de recursos próprios da instituição.

Antonio Boralli, nomeado novo presidente do Citi-corp/Citibank no Brasil, explicou ontem que "o banco tem previstas em seu orçamento conversões que poderão elevar estes investimentos em empresas, a US\$ 180 milhões até o final do ano". Ele adiantou, contudo, que o desembolso destes recursos depende especialmente de como o Banco Central (BC) conduzirá o processo de conversão de dívida em capital de risco no País.

Essas são as metas iniciais da instituição, que pretende reforçar sua atividade na área de "corporate finance". Esse setor já tem recebido atenção especial do grupo com dotações de recursos destacadas. Boralli revelou que, num horizonte mais amplo, de quatro a cinco anos, a instituição tem como meta um investimento global no País de US\$ 500 milhões.

O novo presidente do Citibank explicou que esses US\$ 500 milhões poderão incluir não apenas conversões de dívida a vencer como também dinheiro novo, ou ainda outros instrumentos de financiamento.

Especificamente em relação ao investimento no Brasil de "dinheiro novo" (US\$ 1,8 bilhão) — que faz parte do acordo assinado com os bancos credores objetivando o refinanciamento de US\$ 5,2 bilhões (para pagamento de juros atrasados) —, o Citibank já encaminhou todos os seus pedidos ao governo brasileiro, totalizando US\$ 120 mi-

lhões. Os US\$ 120 milhões, correspondentes à operação que envolve 'deposit facility agreement', já estão destinados a empresas. A liberação desses fundos depende, porém, da avaliação do BC", reforçou Boralli.

O Citibank não pretende concentrar investimento em um ou outro setor, segundo seu presidente. "Preferimos, contudo, dirigir recursos para empresas que possam buscar competitividade no mercado internacional." Durante coletiva à imprensa, Boralli disse que os investimentos mais recentes do grupo foram feitos nos setores de química e petroquímica e papel e celulose, que são carentes de financiamento. Três empresas já foram beneficiadas com a atuação do banco: Ultraquímica (do grupo Ultra), Companhia Suzano de Papel e Celulose e Triches.

Além da liberação das solicitações para a conversão de dívida em investimento em empresas, o Citibank aguarda um posicionamento das autoridades monetárias sobre seu pedido para poder atuar como banco múltiplo, garantindo, até mesmo, a carteira de crédito imobiliário.

NOVO PRESIDENTE

A mudança do comando da instituição — que após 74 anos de atividade no Brasil, passa para as mãos de um brasileiro —, não deverá provocar nenhuma mudança fundamental a nível de estrutura. O Brasil continua sendo responsável por aproximadamente 10% do volume total de negócios do grupo a nível mundial. "O Brasil ainda é o principal parceiro do Citi fora dos Estados Unidos."

Com "exposure" no País de aproximadamente US\$ 4 bilhões, o Citibank não revela preocupação mais aguçada com o processo eleitoral em andamento. Boralli lembra que a instituição opera em 98 países com regimes distintos, como uma instituição prestadora de serviços e sempre

mantendo uma mesma linha filosófica. "No Brasil, não será diferente."

Quando questionado sobre uma eventual preferência do conglomerado norte-americano em relação a algum candidato à presidência, Boralli, bem-humorado, respondeu: "O Citibank não tem preferência. O Citibank não vota, portanto, não cabe falar em preferência política". Ele admitiu, porém, que, junto com as associações de classe, a instituição tem mantido encontro com os presidenciáveis.

Boralli absteve-se, contudo, de fazer observações

sobre os programas de um ou outro candidato, lembrando que eles ainda não estão definidos. Destacou, porém, que "o País atraíssava um importante momento de transição político-econômica, que faz parte do próprio amadurecimento do País. O Citi, como parte integrante do sistema financeiro, tem procurado cumprir seu papel. Nós acreditamos que o Brasil é maior que os seus problemas e o banco continua investido capital próprio como risco e não pretende alterar sua estratégia de atuação devido às dificuldades atuais".